



Rede de Pesquisa Marxista na Saúde DEFENDE:

CONTRA O FASCISMO, É HORA DE VOTAR EM LULA!

“Nada mais parecido com um fascista do que um burguês assustado” (Bertold Brecht)

O Brasil está diante do risco concreto da institucionalização do fascismo. A experiência de quatro anos de governo Jair Bolsonaro demonstrou o nível de retrocessos que a extrema direita é capaz de impor a um país, promovendo o desmonte de políticas públicas, o aumento da violência social e o ataque às liberdades democráticas que, mesmo limitadas, foram duramente conquistadas pelas lutas dos trabalhadores. Ancorado em métodos autoritários, na quebra de qualquer vestígio de solidariedade social e na destruição de direitos, sempre em benefício do grande capital e de interesses escusos dos mais variados, esse projeto de poder será rapidamente retomado e aprofundado no Brasil no caso de uma eventual vitória de Flavio Bolsonaro nas eleições presidenciais. Dado o crescimento de movimentos, lideranças, partidos e governos neofascistas em várias partes do mundo, com clara articulação internacional e feições neoimperialistas, essa ameaça atinge não apenas o povo brasileiro como também a soberania de boa parte da América Latina e Caribe.

Na área da Saúde, a morte de mais de 700 mil brasileiros durante a pandemia de Covid-19, vítimas de uma gestão negacionista, irresponsável e desumana, é o exemplo mais emblemático dos efeitos concretos de um governo neofascista. Mas não é o único. A julgar pelo mandato do pai, do qual o atual candidato se diz sucessor, as políticas de Saúde, Previdência e Assistência Social, que compõem o tripé da Seguridade Social definido na Constituição de 1988, enfrentarão um desfinanciamento sem precedentes e serão alvo de reformas que consolidarão a perda de direitos dos trabalhadores e, em especial, das camadas mais pobres da população. O discurso do próprio candidato, que promete um “tesouração” (*a la* Javier Milei) capaz de cortar mais de R\$ 250 bilhões do orçamento federal e defende medidas como a desindexação do reajuste das aposentadorias ao salário mínimo, o fim dos percentuais mínimos constitucionais de gasto em áreas como Saúde e Educação e a total desregulação das relações de trabalho, não deixa dúvidas de que o ataque às políticas sociais é parte essencial da sua plataforma de governo, representando, portanto, uma forte ameaça à concepção de Saúde como direito de todos e dever do Estado e à sobrevivência do Sistema Único de Saúde (SUS).

A mobilização e a organização popular são agora, como sempre, as principais armas para se combater o fascismo. Como ensinou Lênin, devemos pôr em prática a luta política em todos os espaços em que existam trabalhadores e seja possível dialogar com eles. É necessário ocupar as ruas, criar e fortalecer espaços de solidariedade e lutas comuns que atuem para além das eleições e das vias institucionais. E é preciso evitar a vitória eleitoral do fascismo. Por tudo isso, convictos de que a ciência deve ser ferramenta de transformação social – comprometida com a melhoria das condições de vida da classe trabalhadora, contra todas as formas de autoritarismo e exploração –, a Rede de Pesquisa Marxista na Saúde, composta por nove grupos de pesquisa de diferentes estados do país, junta-se aos muitos esforços coletivos que já vêm sendo realizados para eleger Luiz Inácio Lula da Silva no próximo dia 25 de outubro. Conter a onda reacionária e combater o fascismo são, portanto, *condição* para que a classe trabalhadora possa se reorganizar para travar a luta anticapitalista. No campo da Saúde e para além dele.